

● ENTREVISTA

“A NOSSA INDEPENDÊNCIA É ALGO QUE VALORIZAMOS”

Teresa Espírito Santo, candidata à Secção Regional da Ordem dos Enfermeiros



A candidata da Lista B procurou formar uma equipa “heterogénea” e “representativa dos diversos quadrantes da enfermagem”, tocando toda a Região. FOTOS: MIGUEL ESPADA/ASPRESS

MARCO LIVRAMENTO
mlivramento@dnoticias.pt

Das duas candidaturas que se apresentam na corrida aos órgãos da Secção Regional da Madeira da Ordem dos Enfermeiros, cuja votação decorrerá entre as 00 horas do dia 13 e a meia-noite do dia 15 de Novembro, há já uma certeza que podemos tirar quando a campanha ainda decorre: independentemente do resultado teremos pela primeira vez uma enfermeira como presidente do Conselho Directivo da estrutura regional.

Teresa Espírito Santo, a candidata pela Lista B, está confiante num bom resultado. Ao DIÁRIO, a enfermeira que conta já quase trinta anos dedicados ao cuidar, falou das novidades que pretende implementar e das medidas que quer manter, ou não se apresentasse como uma candidatura de continuidade.

O porquê de se candidatar a presidente do Conselho Directivo da Secção Regional da Ordem dos Enfermeiros? Porquê assumir, agora, o papel principal nesta candidatura, após ter feito parte da equipa que agora cessa funções? O meu propósito nesta candi-

A PAR DA APOSTA NA CONTINUIDADE DE ALGUMAS MEDIDAS A LISTA B APRESENTA VÁRIOS NOVIDADES

datura prende-se muito com o meu percurso profissional até ao momento e com um compromisso com a profissão, e, de certa forma, com o dever que eu julgo ter para com os meus colegas e com a Região. E assumo este novo desafio, acima de tudo, como uma candidatura de continuidade.

Eu termino o actual mandato, onde sou presidente do Conselho Jurisdicional Regional, com o apoio dos presidentes e membros efectivos para esta nova fase. Estes quatro anos, de certa forma, prepararam-me para este desafio.

Foram quatro anos de trabalho de equipa, incluindo com a estrutura nacional, onde, por inerência, os eleitos nas secções regionais têm assento.

A par disso, não posso deixar de referir a minha experiência de 29 anos no exercício profissional, quer no contexto da prática, da docência, e, também, na gestão, funções que actualmente desempenho.

Portanto, a conjugação de todos estes factores leva-me a ter conhecimento da nossa realidade regional quanto aos diferentes contextos do exercício da enfermagem,

fazendo com que me sinta capaz para este desafio, que encaro com responsabilidade.

A equipa que tem ao seu lado pode fazer a diferença? Sem dúvida. Todo o projecto só faz sentido em equipa, um conjunto coeso de enfermeiros, representativo das diferentes áreas de exercício profissional, desde a prática de cuidados ao ensino, com enfermeiros especialistas e profissionais mais novos, tocando os diferentes cancelhos. Temos colegas dos cuidados de saúde primários, dos cuidados hospitalares, cuidados continuados ou paliativos, abrangendo o público e o privado, bem como o social. Todos podem e devem sentir-se representados.

Portanto, é desta heterogeneidade, destas visões de conjunto que se potencia esta equipa. Por isso, entendendo que apresentamos um projecto coerente, liderado por mim, mas que resultará num trabalho de toda a equipa que se candidata.

Referiu tratar-se de uma lista de continuidade. O que ficou por fazer em prol da enfermagem? Somos, de facto, uma lista de continuidade, mais não seja por alguns de nós integrarem a equipa que agora terminará funções, mas trazemos, igualmente, a renovação. Temos, connosco, colegas novos, com ideias diferentes, com a certeza de que todos estamos empenhados em melhor representar a classe, sempre disponíveis para ouvir toda a gente.

Na certeza de que a valorização dos enfermeiros e a defesa dos cuidados de enfermagem para os cidadãos é algo inacabado, e de que é necessário procurarmos, em contínuo, a excelência, há coisas muito boas do actual mandato que pretendemos dar continuidade e há outras que, fruto da nossa experiência, queremos implementar.

Que novidades são essas? Entre as medidas às quais queremos dar continuidade temos, por exemplo, a valorização da classe ou a capacidade de interferir junto dos decisores políticos foram dois aspectos que marcaram estes últimos quatro anos. E queremos manter essa aposta. Foi um mandato atípico, é verdade, em que a Ordem foi chamada a intervir, a se pronunciar sobre aspectos novos para todos, com pareceres, opiniões, sugestões, ao nível da tutela e dos decisores políticos... nesse sentido, queremos dar continuidade a esse trabalho, queremos ser escutados e não vamos abdicar de ser uma voz na área da saúde, na Região, contribuindo para as políticas de saúde adequadas à nossa sociedade.

Vamos manter alguns projectos que foram instituídos neste mandato, que de certa maneira valorizam o empreendedorismo e a inovação dos enfermeiros. Um exemplo disso tem sido o Orçamento Participativo, que instituímos há dois anos. Temos registado uma grande adesão dos colegas, que têm apresentado trabalhos por si desenvolvidos nas suas áreas de actuação, alguns desses tra-

balhos até têm sido distinguidos a nível nacional e internacional.

Nesse âmbito queremos ir mais além e pretendemos instituir o prémio de investigação da Secção Regional da Madeira, de modo a premiar, também, o trabalho desenvolvido na área da investigação, com trabalhos desenvolvidos de intercâmbio com aplicação na prática. A difusão do conhecimento também traz mais valor à profissão.

Outra aposta que queremos reforçar é na área da formação, nomeadamente a pós-graduada, num trabalho de cooperação com as escolas de enfermagem, fomentando a abertura das especialidades e dos mestrados cá na Madeira.

Esta melhoria passa, também, pelas formações acreditadas, com os nossos parceiros. Há formações que nós achamos, de certa forma, prioritárias, ao nível do nosso modelo de desenvolvimento profissional e daquilo que pretendemos no futuro implementar aqui na Madeira, como seja a questão da idoneidade formativa dos locais da prática, para que sejam reconhecidos como locais de excelência para os enfermeiros desenvolverem a sua formação.

Isso passa por aplicar na enfermagem o que já acontece com outras classes profissionais, como os médicos? Sim, de certa forma. É algo que já está previsto no nosso regulamento, mas que passa por um processo de acreditação de quatro anos, até que seja concedida a necessária acreditação do serviço.

Já há algum serviço, na Região, que tenha essa acreditação?

Neste momento, ainda não, ainda nenhum serviço se dispôs a avançar neste processo. Mas isto, de certa forma, por os enfermeiros têm de estar reunidos de determinadas competências que são exigidas, o que ainda não acontece. Para colmatar essa necessidade, propomos, em parceria com as escolas de enfermagem, apostar nessa formação ao nível da supervisão clínica.

Não está em causa a qualidade dos nossos serviços, mas esta aposta garante, acima de tudo, a segurança dos cuidados aos nossos utentes.

Outra novidade que pretendemos implementar passa pela criação de um núcleo de apoio ao jovem enfermeiro, de modo a orientar da melhor forma e apoiar aqueles que estão no início da profissão.

Acha que, neste momento, a Madeira tem um número de enfermeiros suficientes para as suas necessidades? Ou algum dia serão suficientes? O número, por si só, é pouco. Se fizermos uma análise simplista e ma-

PRETENDEMOS INSTITUIR O PRÉMIO DE INVESTIGAÇÃO DA SECÇÃO REGIONAL DA MADEIRA, DE MODO A PREMIAR, TAMBÉM, O TRABALHO DESENVOLVIDO NA ÁREA

peritos; termos enfermeiros especialistas com outros de cuidados gerais. E é num contexto plural, de trabalho com os diferentes intervenientes da Saúde, que nós conseguimos valorizar os enfermeiros e mostrar o nosso valor.

Nós vivemos uma fase em que houve a reestruturação dos serviços, e agora, de certa forma, estamos, a regressar, há cerca de um ano, à normalidade, por assim dizer, do funcionamento dos serviços.

Nesse sentido, as dotações têm de ser repensadas e revistas. Para além do número, as competências também têm de ser tidas em conta... fruto da nossa experiência profissional, por exemplo.

Portanto, tem de haver um pouco de tudo nas equipas. Tem de haver enfermeiros de cuidados gerais, tem de haver enfermeiros especialista de saúde mental, de reabilitação, de médico-cirúrgica, consoante à área, seja hospitalar ou comunitária. Portanto, o equilíbrio faz disso de tudo.

Que outros objectivos se juntam aos já referidos? Outro desafio que nós temos neste presente diz respeito à abertura do hospital à comunidade. Nós estamos a implementar, a nível regional, as equipas de internamento domiciliário, tanto na medicina, como nos cuidados paliativos. É importante nós irmos ao local preferencial de cuidados da população, preconizando as medidas de segurança próprias que o doente tem de ter.

A construção do novo hospital vem elevar, ainda mais, essa necessidade de atenção constante? No próximo mandato isso será, sem dúvida, um aspecto que deve merecer a atenção de quem assumir a Secção Regional. E uma vez mais, temos de ser ouvidos em tudo o que diga respeito à dotação dos serviços, os existentes e os novos, bem como em relação à forma como as diferentes áreas vão ser implementadas e a respectiva prestação de cuidados.

Portanto, este é um trabalho que tem de ser feito logo de raiz, com a construção do próprio hospital e ir acompanhando.

Já houve algumas reuniões nesse sentido, mas, sendo eleitos, iremos pugnar por ser uma voz mais presente nestes desafios que se avizinharam num futuro próximo.

O facto de se candidatar com uma lista independente poderá ser visto como um obstáculo ou, de alguma forma, é uma mais-valia? Não deve ser visto como um obstáculo. Antes pelo contrário.

Tem, de certa forma, a experiência dos últimos quatro anos... Exactamente, e é também por essa expe-

riência que digo prontamente que não a essa questão, porque até como está legalmente exposto no nosso regulamento e nos estatutos, os órgãos regionais eleitos têm assento directo nas estruturas nacionais. E nesse sentido, temos sempre trabalhado em união com o nacional.

A nossa bastonária, inclusive, já reconheceu publicamente, mais do que uma vez, o bom trabalho que se tem estabelecido.

A questão de sermos autónomos e de sermos independentes vem também da continuidade já aqui referida. Com essa independência, podemos gozar de uma maior liberdade, com o conhecimento devido da nossa particularidade regional. Nós temos leis próprias, nós temos uma saúde própria aqui na Região, temos características geográficas próprias, e temos também um bom desenvolvimento, por exemplo, dos cuidados de saúde primários, bem como das áreas hospitalares e da enfermagem num todo.

Nós não podemos falar só em ciência e técnica, mas também numa profissão que está intimamente ligada à relação com o outro. Não podemos ignorar o cariz humanitário da enfermagem.

No entanto, não acho que seja um entrave esta nossa independência. Nós temos trabalhado, e da minha experiência enquanto vogal do Conselho Jurisdicional Nacional, sempre trabalhamos em parceria, em coesão e, portanto, também sempre fomos ouvidos.

Diz-nos, então, que há vantagens em ser independente... Penso que ao sermos independentes, somos uma voz que chega de forma diferente, com inovação, também, com outro olhar. É nas diferenças que nos potenciamos, e, portanto, aqui também temos olhares diferentes sobre a mesma realidade.

A crise que se vive no Sistema Nacional de Saúde não faz da Madeira um 'paraíso' para os enfermeiros... ou faz? Que aspectos têm de ser melhorados? Além de alguns aspectos já referidos, algo que nós entendemos que tem de ser trabalhado e melhorado são as dotações seguras, para podermos prestar cuidados com maior segurança. Estas dotações seguras terão, certamente, repercussões na acessibilidade dos cidadãos aos cuidados prestados, mas isso é o alvo da nossa intervenção, sempre apostando na qualidade.

Queremos continuar a defender uma profissão com valor, com responsabilidade, qualificada, queremos dar voz a esta nossa posição ao nível da profissão, mas também a nível social.

De que forma marcam a diferença em relação aos vossos adversários? Os estatutos regulam o nosso desempenho e há linhas mestras que não podemos fugir. No entanto, a questão da proximidade, da escuta, de trazer a realidade e como é que nós podemos intervir junto dos colegas, isso é que poderá ser inovador nas equipas.

